

Grande inscrição de lembrança
Na campa do João de Souza:
— Afinal, aqui descansa
Quem nunca fêz outra cousa.

Legenda na sepultura
Do devoto Zé Pilão:
— Morreu fazendo uma prece
Com dois porretes na mão.

Causa e efeito — lei segura
Que a gente enxerga de sobra.
Mordida de cobra cura
Com veneno de outra cobra.

Quem lhe fala, meu amigo,
Dos tristes defeitos meus,
Se vem conversar comigo
Chega falando dos seus.

NO RIO DAS LÁGRIMAS

No casarão do sítio da Mutuca,
O velho pede pouso e alguém chasqueia:
— “Saia, tratante, e durma na cadeia!
Ponha a cabeça tonta na cumbuca!”

O mendigo cansado não retruca,
Enfrenta a noite e a chuva... Cambaleia...
Mais além rola o rio entregue à cheia...
E, exposto à sombra, afoga-se Nhô Juca...

Ante a morte, o passado se desvenda...
Sente-se outro... E' o dono da fazenda...
Nhô Juca, leve e moço, chora e fala...

Mas, súbito, no chão molhado e frio,
Repara o rio e vê que é o mesmo rio
Onde afogava os velhos da senzala...

Saudade, às vezes, no Além,
Tem novo e estranho sentido...
E' muito maior que o bem
Que se julga haver perdido.

Dinheiro lembra no fundo
Estrume na plantação,
Que só serve para o mundo
Quando espalhado no chão.

Não mexas com vida alheia,
Tem coisa nessa manobra.
Cachorro bom de tatu
Costuma morrer de cobra.

Reencarnação — benefício
Que a outro não se compara,
E' o modo que Deus nos deu
Da gente mudar de cara.

TERRAS DE NHÔ QUINCA

Parecia uma fera de encomenda.
Quando Nhô Quinca dava a sapituca,
O povo no roçado ou na poruca
Chorava que nem cana na moenda.

Posseava das terras de contenda,
Tomou terra de Adão, terra de Juca,
As terras de Donana de Minduca...
Ele queria o mundo na fazenda.

Vem um velho pedir barro de oca,
Nhô Quinca bate nele na engenhoca
E cai num tacho quente de melado.

Morreu na raiva... E o pobre do Nhô Quinca
Só teve na fazenda da Cainca
Sete palmos de terra no cerrado.